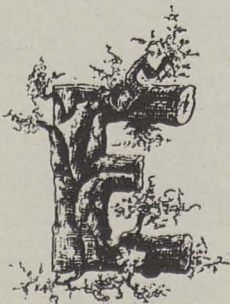


VIAJANTES SEM RELÓGIO

António Júlio Valarinho

*sou o silêncio no mar
mais ninguém!*

1. em cada quarto, na cozinha, no pátio onde
o papiro escreve fogueira, somos viajantes
sem relógio
2. Avejão! aqui, do mais alto cume do cipreste,
névoa com névoa, sou o silêncio e a paixão. No
meu rosto, o tempo é um leão perseguido na savana!
3. Todo o tempo é comestível, mesmo na ilha do
dragão.
Nada nem o pó nem a lágrima.
Todo o cristal é perfeito de tempo dele,
a ampulheta guarda um braço de areia.
4. Que espelho o meu sono atravessa? cor do tempo
deserto de sons onde a ausência deliberada
do mar espraia-se naquelas duas árvores... sentinelas
de uma madrugada. MAIUSCULAS! Fragas, onde os nossos
cabelos adormecem! todas as manhãs, à nossa mão, o tempo
pára.
Só a noite tem a cor do sol. É uma enorme concha de esperma e
salgema. Todo o tempo de catástrofe caiu na planura desta corga. A
viagem neste espelho é a lágrima de um peixe. Todo o mundo
habita às ombreiras do seu olhar deserto paixão
de habitar.
5. caminhar sobre o mar, construir torres e hemisférios
caminhos de seda onde os anjos pela manhã
são atraídos como répteis, espelhos dos espelhos, morada
incerta um fósforo como asa, uma gruta como saudade, todo
um império em minúsculos moluscos de terra cor
tanto o ar, fiando novos caminhos
há uma cidade afastada um século deste tempo de
areia.





6. “fala-me do teu
corpo de água abraçando o sol
criando rugas, fugindo ao leme
dos dias...”
7. “esta noite despeço-me do verão
acordado sobre a turfa de sono
que desde a madrugada acompanha
a caravela dos nossos sonhos. Viajo
num tempo provisório, tempo de uma caravela
a subir a montanha...”
8. “fala-me pois desse deserto de sândalo,
dessas estátuas de cêra, de todos esses manequins
com vozes de arcanjos.....cortando os dias
desafiando a pele às serpentes, os dias perseguindo novos dias,
a luz eternizando a sombra do lago”
lábios de sal no sertão. Ambos náufragos
9. nesta forja de luz há ainda uma réstea de silêncio. silêncio
de margem, rocha precipitada na ânfora dos espelhos.
neste regaço de sombras, retenho o poder de delinear a história — uma
serpente no lago, dois
amantes fugindo à memória da turfa — cenas iluminuras
uma ponte aberta a um continente que fica, uma ilha
parte... centeio de ouro, se porventura todas as planícies
forem os nossos abraços! Amo esse mar verde e dourado
dos teus braços!
10. inclina a caravela o seu velame presa duas vezes ao porto
dos meus lábios.
Prisioneiro do tempo, és o meu primeiro sonho! árvore
de prata entreaberta na porta que sou! diariamente
copio os dias à luz da fogueira do mar...
para agitar as ondas, sentir mais de perto as asas das tuas
velas... Movo-me para te abraçar e nesse abraçar despedaçar
a vida e a lua desse corcel de madeira
preso nestes lábios que atravessas entre corredores e
lágrimas de escravos!
11. por isso, a guerrilha é necessária como corpo que parte o
primeiro espelho.